

## Uma réplica<sup>119</sup>

Erich Fromm

Eu não julgaria necessário gastar a paciência dos leitores da **Dissent** com uma réplica à réplica [que] Marcuse [dirigiu] a mim, se fosse apenas para responder ao seu argumento ou sua interpretação adicional de **Psicanálise da sociedade contemporânea** [**The sane society**]. Quanto àquele argumento, ele não acrescenta muito ao seu artigo original. Quanto a esta interpretação, eu deverei deixar que qualquer leitor de **Psicanálise da sociedade contemporânea** julgue se o livro toma o partido da “psicologia industrial e administração científica melhores e em maior quantidade”.

Eu desejo de fato responder Marcuse, entretanto, com respeito à sua interpretação de Freud, já que os trabalhos desse autor, especialmente o artigo ao qual Marcuse se refere, não são tão facilmente acessíveis à maioria dos leitores.

Marcuse diz que é errôneo atribuir a Freud a visão:

- a) de que felicidade é satisfação do instinto sexual,
- b) de que amor é em sua essência desejo sexual, e
- c) de que o homem tem um desejo inerente por satisfação sexual ilimitada.

Até aqui, Marcuse. Agora, Freud:

ad a) “O homem, tendo descoberto pela experiência que o amor sexual (genital) proporcionava a ele sua maior satisfação, de modo que ele **se tornou para ele de fato um protótipo para toda a felicidade**, deve ter sido impelido a partir de então a continuar a procurar sua felicidade na trilha das relações sexuais, **a fazer do erotismo genital o ponto central de sua vida**”.<sup>120</sup> Cf. também

---

<sup>119</sup> Tradução de Matheus Romanetto. Copyright c 1956 by Erich Fromm; Copyright c 2019 by Erich Fromm Estate (fromm-estate@fromm-online.com).

<sup>120</sup> **Civilization and its discontents**, *loc. cit.*, p. 69, itálicos meus. [Edição bra-

a afirmação de Freud de que o homem primitivo “não conhecia quaisquer restrições aos instintos”, de que podia gozar sua felicidade mais do que o homem civilizado, mas devido à agressão mútua, não por muito tempo.<sup>121</sup>

ad b) “O amor com uma meta inibida foi, na origem, amor plenamente sensual, e **na mente inconsciente dos homens ainda o é**”.<sup>122</sup>

ad c) “Suponha-se que os direitos pessoais aos bens materiais sejam eliminados; [então] subsistem ainda prerrogativas n[O âmbito d]as relações sexuais, que devem trazer à tona o mais forte rancor e a mais violenta inimizade entre homens e mulheres que, de outro modo, são iguais”.<sup>123</sup>

Todas essas citações são retiradas daquele trabalho de Freud, publicado pela primeira vez em 1930, que lida de maneira mais completa e direta com o problema do sexo, da felicidade e da sociedade. Marcuse, em sua resposta, ignora esse livro completamente, e cita o artigo de Freud “Sobre a mais comum

sileira: **O mal-estar na civilização**, *loc. cit.*, p. 64. Edição alemã: **Das Unbehagen in der Kultur**, *loc. cit.*, p. 460. A versão brasileira suprime “*Erfahrung*”, que aparece em inglês como “*experience*” (experiência). “*Mensch*” torna-se “indivíduo” em português, e “*man*” (homem) em inglês. De “*Befriedigungserlebnisse*” a tradução brasileira aproxima-se de uma versão mais literal com “vivências de satisfação”, enquanto o inglês diz apenas “*satisfaction*” (satisfação). Finalmente, “*Glücksbefriedigung*” - literalmente, satisfação da felicidade - torna-se “satisfação vital” em português, e mais simplesmente “*happiness*” (felicidade) em inglês.]

<sup>121</sup> Cf. **Civilization and its discontents**, *loc. cit.*, p. 91-2. [Edição brasileira: **O mal-estar na civilização**, *loc. cit.*, p. 82. Edição alemã: **Das Unbehagen in der Kultur**, *loc. cit.*, p. 474.]

<sup>122</sup> **Civilization and its discontents**, *loc. cit.*, p. 71, itálicos meus. [Edição brasileira: **O mal-estar na civilização**, *loc. cit.*, p. 66. Edição alemã: **Das Unbehagen in der Kultur**, *loc. cit.*, p. 462. O que, no inglês de Fromm, aparece como “a mente inconsciente dos homens” é, no original, alemão “*Unbewußten des Menschen*” – inconsciente do ser humano.]

<sup>123</sup> Cf. **Civilization and its discontents**, p. 89. [Edição brasileira: **O mal-estar na civilização**, *loc. cit.*, p. 80. O original encontra-se já citado anteriormente.]

depreciação na vida amorosa”, publicado pela primeira vez em 1912. É verdade que Freud escreve nesse artigo que “a importância de um desejo instintual é aumentada mentalmente com a sua frustração”, e “eu acho que devemos considerar a possibilidade de que algo na natureza do próprio instinto sexual seja desfavorável à conquista da gratificação absoluta”.<sup>124</sup> Infelizmente, Marcuse deixa de mencionar duas coisas: primeiro, que no parágrafo final do mesmo artigo, Freud afirma sua tese da incompatibilidade básica entre instinto sexual e as demandas da cultura, precisamente como eu descrevi em minha réplica a Marcuse. Freud afirma que porque a cultura impede que o homem obtenha prazer sexual plenamente satisfatório, ele põe sua energia a outros usos – isto é, a usos culturais. Quanto à afirmação de Freud de que há algo na natureza do instinto sexual que é desfavorável à conquista da satisfação sexual, Marcuse omite o que Freud quis dizer com isso, embora Freud seja muito claro quanto a isso no artigo de 1912, e especialmente em **O mal-estar na civilização**, em uma nota de rodapé na página 78 [ed. brasileira: p. 72]. A ideia de Freud é que a satisfação plena do instinto sexual é possível apenas se seus componentes sádicos e coprofilicos forem satisfeitos. Isso não é possível no amor matrimonial, porque um homem que respeita sua esposa necessariamente tem que frustrar esses desejos; mas – afirma Freud em **O mal-estar na civilização** –, a frustração desses desejos é necessária até mesmo nos primórdios da cultura, “como consequência da adoção da postura ereta pelo homem e da depreciação do sentido do olfato”.<sup>125</sup> Nessa visão, a repressão da satisfação sexual plena, e portanto a frustração da felicidade, já é

---

<sup>124</sup> [Edição brasileira: Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa (contribuições à psicologia do amor II), *loc. cit.*, p. 360. Fromm não fornece a página das citações. O original encontra-se citado já anteriormente, acrescentando-se também agora o seguinte trecho: “*die psychische Bedeutung eines Triebes mit seiner Versagung steigt*”. A versão inglesa traduz “*Trieb*”, geralmente apenas “instinto”, por “*instinctual desire*”, desejo instintual.]

<sup>125</sup> [Edição brasileira: **O mal-estar na civilização**, *loc. cit.*, p. 70. Edição alemã: **Das Unbehagen in der Kultur**, *loc. cit.*, p. 466.]

exigida pelos começos mais rudimentares da civilização humana. Pode-se ver que essa opinião de Freud aponta na mesma direção que eu tinha indicado. A tese de Freud é a de que o homem primitivo goza de um montante maior de felicidade do que o homem civilizado, porque ele ainda não está sujeito a tanta repressão sexual quanto esse último, mas que mesmo nos primórdios mais remotos da existência humana, já havia necessidade de um certo montante de repressão sexual que prevenia o homem de atingir a felicidade completa. O ponto de Freud **não** é duvidar de que a satisfação genital seja a fonte da felicidade, mas [sim indicar] que o homem nunca pode ser tão feliz, pois qualquer tipo de civilização o força a frustrar a satisfação plena de seus desejos genitais, especialmente os componentes sádicos e coprofílicos.

## Referências bibliográficas

### 1. Fontes primárias

MARCUSE, H. The social implications of Freudian 'revisionism'. **Dissent: a quarterly of socialist opinion**, v. 2, n. 3, 1955, pp. 221-240

MARCUSE, H. Epilogue: critique of Neo-Freudian revisionism. in: **Eros and civilization: a philosophical inquiry into Freud**. Boston: Beacon Press, 1974. [Edição brasileira: **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.]

FROMM, E. The human implications of instinctivistic 'radicalism': a reply to Herbert Marcuse. **Dissent: a quarterly of socialist opinion**, v. 2, n. 4, 1955, pp. 342-349.

MARCUSE, H. A reply to Erich Fromm. **Dissent: a quarterly of socialist opinion**, v. 3, n. 1, 1956, pp. 79-81.

FROMM, E. A counter-rebuttal. **Dissent: a quarterly of socialist opinion**, v. 3, n. 1, 1956, pp. 81-83.